

“NOVO PENSAMENTO”: A GÊNESE DO CULTO AO SUCESSO NA LITERATURA DE AUTOAJUDA

“New thought”: the genesis of worship of success on self-help literature

“Nuevo pensamiento”: la génesis del culto al éxito en la literatura de autoayuda

Mayka Castellano

Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do Departamento de Estudos Culturais e Mídia da Universidade Federal Fluminense (UFF)
maykacastellano@gmail.com

Resumo

Neste artigo, apresento uma breve gênese das ideias de sucesso e vida bem-sucedida que estão presentes, hoje, na literatura de autoajuda e em suas reverberações midiáticas. Para isso, realizo uma análise de discurso de inspiração pós-estruturalista em um livro do século XIX, *Como alcançar o sucesso*, de Orison Swett Marden, um dos clássicos do gênero, apontando rupturas e continuidades em relação ao que venho chamando de cultura da autoajuda contemporânea.

Palavras-chave: Autoajuda. Sucesso. Análise de discurso.

Abstract

In this paper, I present a brief genesis of the ideas of success and successful life that are present today in the self-help literature and its media reverberations. For this, I realize an post-structuralist inspired discourse analysis in a book of the nineteenth century, *How to succeed*, by Orison Swett Marden, one of the classics of the genre, pointing ruptures and continuities in regard to what I have been calling contemporary culture of self-help

Key words: Self-help. Success. Discourse analysis.

Resumen

En este artículo, presento una breve génesis de las ideas del éxito y de la vida exitosa que están presentes hoy en la literatura de autoayuda y en sus reverberaciones mediáticas. Para esto, llevo a cabo una análisis del discurso de inspiración post-estruturalista en un libro del siglo XIX, *How to succeed*, de Orison Swett Marden, uno de los clásicos del género, señalando rupturas y continuidades en respecto a lo que he llamado cultura de la autoayuda contemporánea.

Palabras clave: Autoayuda. Éxito. Análisis del discurso.

1 INTRODUÇÃO

Sucesso de vendas em boa parte do mundo e particularmente no Brasil, a literatura de autoajuda pode ter sua repercussão medida, também, pelo impacto que seu discurso granjeia em uma enorme gama de objetos culturais. Tal discurso extrapola, portanto, o âmbito dos livros e pode ser verificado em diversos produtos midiáticos, como programas populares de TV, de rádio, em jornais e nas principais revistas semanais de informação, onde é possível identificarmos, inclusive, a existência de um chamado “jornalismo de autoajuda” (FREIRE FILHO, 2011).

Para além de sua notável presença mercadológica, a autoajuda se torna um importante objeto de investigação na contemporaneidade, portanto, graças aos discursos que ela mobiliza, e que trazem em seu bojo concepções bastante particulares de sucesso, de vida bem-sucedida, de realização pessoal etc. Embora a maciça presença desses livros (e de suas reverberações midiáticas) possa ser sentida no Brasil principalmente a partir das últimas décadas do século XX, boa parte da mentalidade que dá corpo a esse *ethos* se estabeleceu um século antes, no contexto da publicação dos primeiros exemplares associados a esse filão, em meados dos anos 1850, na Inglaterra e nos Estados Unidos. Neste artigo, procuro identificar a gênese de algumas formulações sobre o sucesso que alcançam bastante acolhida na literatura de aconselhamento publicada hoje. Para isso, realizo uma análise de discurso de inspiração pós-estruturalista no livro *Como alcançar o sucesso*, de Orison Swett Marden, de 1896, representante do movimento que ficou conhecido como “O Novo Pensamento”, considerado um dos precursores da cultura terapêutica¹ contemporânea.

¹ A cultura terapêutica, de acordo com autores como Frank Furedi (2004), seria uma das características da contemporaneidade e pode ser definida como a tendência de disseminação de um imaginário que coloca a emoção e a subjetividade como elementos primordiais à compreensão de questões relativas a todos os aspectos da vida humana. De acordo com Furedi (2004), um dos principais sintomas dessa fase pode ser medido pelo uso cada vez mais corrente do vocabulário terapêutico, que deixa de se referir apenas a problemas atípicos e estados mentais exóticos para se tornar corriqueiro em situações do cotidiano. Expressões como vício, compulsão, depressão, trauma, síndrome, estresse, ansiedade e autoestima passam a fazer parte do imaginário compartilhado e revelam não apenas uma mudança idiomática, mas o surgimento de novas atitudes e expectativas culturais.

2 AUTOAJUDA: DA FORÇA MORAL À PERSONALIDADE ATRAENTE

É apenas no final do século XIX que o termo autoajuda começa a ser usado de forma corrente como uma tendência de comportamento associada a um novo gênero editorial de massa. Até então, a expressão se referia, principalmente, à ideia de autodidatismo, tal como desenvolvida por Samuel Smiles, autor de *Self-Help*, livro publicado em 1859 e que ficou conhecido por inaugurar o gênero homônimo. O final daquele século, no entanto, veria o significado desse termo ir se modificando e passar a se referir cada vez mais ao desenvolvimento de determinados poderes mentais e à busca pelo sucesso através de transformações espirituais e psicológicas (RÜDIGER, 1996).

A formação do caráter, marca distintiva da primeira fase da então incipiente literatura de autoajuda (da qual Samuel Smiles é o principal representante), focada em questões como trabalho duro, esforço, determinação e firmeza moral – ligadas fortemente ao protestantismo, não só deixa de representar uma preocupação central como vai aos poucos desaparecendo do horizonte de interesses do grupo de leitores de autoajuda. O descrédito do caráter é paralelo à ascensão da expressão que para muitos autores ajudaria a compor uma transformação cultural na virada do século: a personalidade (RIESMAN, 1995; SUSMAN, 2003). A passagem da cultura do caráter para a da personalidade, nesse sentido, seria o reflexo de mudanças significativas nas sociedades ocidentais, onde o capitalismo se desenvolveu plenamente e as relações sociais, sobretudo as ligadas ao mundo do trabalho, sofreram importantes modificações (SENNETT, 2007).

A preocupação, então, passa do cumprimento do dever (entendido como a perfeita execução de um trabalho com função social) para o cultivo de uma personalidade que tornasse o indivíduo dissociado da massa. A partir da virada do século XX, o medo de perder-se na multidão torna-se uma das principais fontes de ansiedade. O mesmo ímpeto que leva os sujeitos a buscarem o antídoto para a massificação acaba por favorecer o rompimento de laços comunitários e de solidariedade e a impulsionar o individualismo, que aparece ao mesmo tempo como resposta e consequência. Os livros de autoajuda que são produzidos nessa época passam a incorporar tal transformação, e tornam-se, inclusive, um dos sintomas mais nítidos da transição que continua em curso durante todo o século.

No início do século XX, a crença no poder da personalidade moldável apareceu com mais força no que, a partir daquele momento, desenhava-se como o gênero da autoajuda através do movimento que ficou conhecido como Novo Pensamento (*New Thought*). Surgida

nos Estados Unidos em 1890, porém fortemente disseminada no país a partir de 1915, tal corrente preconizava a força do pensamento positivo, da mente como geradora de possibilidades infinitas, através da Lei da Atração – que voltaria à moda no início do século XXI com o *best-seller* da autoajuda *O Segredo* – e de práticas sincréticas que misturavam elementos das religiões orientais, do cristianismo, do esoterismo, da psicologia e da filosofia. Apesar de não se apresentar como uma religião, o “Novo Pensamento” pressupunha a crença metafísica em um poder supremo, que poderia ser representado pela força que rege todas as coisas, como uma espécie de “sistema” (GRISWOLD, 1934, p. 309). De acordo com Rüdiger,

O Novo Pensamento, verdadeiro movimento de auto-ajuda, foi um fenômeno cultural de classe média (...), que se propunha a desenvolver o chamado *potencial humano* e se originou da reinterpretação pragmática dos conceitos mentalistas postos em circulação no final do século passado [XIX] por uma série de filósofos populares e publicistas, na esteira do surto de religiões *mind-cure* verificado no mesmo período (1996, p. 72).

São muito devedoras dessa corrente as crenças, bastante disseminadas atualmente, a respeito de uma origem mental para uma série de doenças, sobretudo o câncer. O acúmulo de maus pensamentos, nesse sentido, seria o causador de enfermidades que precisariam ser combatidas “de dentro para fora”. Começava, portanto, a se desenhar um quadro social bastante significativo, de expansão da ideia de que estariam no interior dos indivíduos não apenas os caminhos para o sucesso, mas também a origem de seus infortúnios, mesmo que associados ao padecimento do corpo. Orison Swett Marden, cujo livro será analisado mais à frente, escreveu, em 1896:

Uma mente deprimida previne a livre circulação do diafragma e a expansão do peito. Interrompe as secreções do corpo, interfere na circulação do sangue no cérebro e perturba todas as funções corporais. Escrófula e tuberculose são muitas vezes resultados de depressões prolongadas da mente. Aquele “murmúrio fatal” que é ouvido nos lobos superiores dos pulmões nos primeiros estágios da tuberculose, frequentemente, segue espíritos deprimidos após uma grande calamidade ou tristeza (MARDEN, 2011, p. 240).

O programa do movimento incluía, no entanto, mais do que o receituário para uma saúde física e mental. Estavam entre as benesses do pensamento positivo os segredos do sucesso e da realização pessoal em amplos domínios da vida, a partir de uma correta relação consigo mesmo. Ou, nas palavras de Rüdiger (1996, p. 78): “Os homens fracassam na vida quando não conseguem desenvolver as forças que dormitam em seu subconsciente e explorar

corretamente seu magnetismo pessoal”. É nesse contexto que a noção de *self* começa a se incutir na autoajuda. Nos livros contemporâneos publicados no Brasil, essa noção aparece normalmente através de alguma tradução como “eu interior”, “verdadeiro eu”, “eu íntimo” etc.

Nos Estados Unidos, berço do movimento, tais ideias serviram adequadamente à já estabelecida figura do *self-made man*, um dos mitos fundadores daquela sociedade, relativo à crença no sucesso individual. Se no contexto de uma chamada cultura do caráter não era de bom tom ter o enriquecimento pessoal entre os principais objetivos de vida, no início do século XX já não existiam constrangimentos sociais que impedissem a utilização da força da mente como forma de criar fortunas. Para Griswold (1934), o que o caráter foi para os puritanos, a força do pensamento foi para os seguidores dessa corrente. Ainda de acordo com o autor:

O adágio de que a produção de dinheiro tem sido uma religião para os americanos contém uma verdade literal que passa despercebida pra muitos que o repetem. Houve uma religião genuinamente americana devotada precisamente a esse fim: o culto do sucesso econômico. Embora isso ainda tente seguir existindo, seu auge foi há 20 anos. A isso se chamava Novo Pensamento (1934, p. 309).²

Desta forma, tanto o Novo Pensamento como a cultura da autoajuda, que ganhava forte impulso neste momento, serviram como uma espécie de base moral para o homem comum norte-americano justificar sua crença no sucesso individual como um destino, como algo que ganhasse fundamento subjetivo, para além dos louros da aclamação social e dos dividendos. Com o passar do tempo, tal mentalidade foi se incorporando à própria cultura daquele país e se tornou uma das grandes marcas do binômio *winner-loser* que ganharia posteriormente o mundo, sobretudo através de sua sedutora produção midiática³.

Até o advento dessa estranha religião, os homens de negócio americanos justificavam suas carreiras (sempre que isso lhes era exigido) em bases puritanas – puritana, isto é, no sentido do ascetismo puritano. A doutrina da “vocação”, que Lutero desenvolveu e Calvino elaborou, tornou-se uma moralidade doméstica nos Estados Unidos. As crianças eram criadas a partir da noção de que Deus indicou uma ocupação para cada um. Obter sucesso nessa ocupação era um sinal de virtude e, reciprocamente, o jeito mais garantido de se alcançar o sucesso era ser virtuoso. Tal doutrina se articulou

² No original: “The adage that money-making has been a religion to Americans has a literal truth unperceived by many who repeats it. There was a native American religion devoted precisely to that end: a cult of economic success. Although it still clings feebly to life, its day was twenty years ago. It was called New Thought”.

³ Sobre o assunto, ver Castellano, 2015.

bem às ideias americanas a respeito da democracia – pois, se a virtude leva ao sucesso e a virtude está aberta a todos, logo, todos podem prosperar (GRISWOLD, 1934, p. 311).⁴

3 COMO ALCANÇAR O SUCESSO (ORISON SWETT MARDEN, 1896)

A obsessão pelo sucesso fomentada nesse contexto gerou a produção de milhares de títulos de literatura. Certamente um dos que granjeou maior notoriedade foi o clássico *How to succeed*, escrito por Orison Swett Marden, em 1896. Não por acaso, o autor foi uma das figuras proeminentes do movimento *New Thought*. A magnitude que a autoajuda alcança no Brasil hoje fez com essa obra fosse relançada no país, em 2011, com o título *Como alcançar o sucesso* (MARDEN, 2011).

Além dos inúmeros livros de autoajuda de sua autoria, que, somados, venderam mais de vinte milhões de exemplares apenas até 1924, ano de sua morte, Marden também publicou durante anos a revista *Success*, que, em 1905, chegou à marca de 300 mil exemplares mensais. Formado em direito e medicina, o escritor teve livros traduzidos para mais de 25 idiomas e nos Estados Unidos seu estelato chegou ao ponto de centenas de pais batizarem os filhos com seu nome (RÜDIGER, 1996).

A obra de Marden é exemplar do momento de transição entre a etapa em que a formação do caráter aparecia como o principal objetivo da literatura de aconselhamento e a fase em que o sucesso, desligado de anseios mais profundos, começa a surgir como meta precíua. O título do primeiro capítulo de *Como alcançar o sucesso* (MARDEN, 2011) é bastante elucidativo do tom que o autor imprime à obra: “Em primeiro lugar, seja homem”. Para ratificar a tese, cita uma declaração de James A. Garfield, vigésimo presidente dos Estados Unidos: “‘Em primeiro lugar’, disse o então menino Garfield, quando perguntado o que seria, ‘preciso me tornar homem. Se eu não for bem-sucedido nisso, não serei bem-sucedido em nada” (MARDEN, 2011, p. 12). Ser homem, no sentido pretendido por Marden, é ter caráter. Entendido como primeiro passo para o sucesso, ele, no entanto, deixa de figurar como o grande objetivo a ser buscado pelos indivíduos, passando a *meio* para obtenção de uma boa vida.

⁴ No original: “Until the advent of this strange religion, American business men had justified their careers (whenever it may have occurred to them to do so) on Puritan grounds – Puritan, that is, in the sense of ascetic Protestantism. The doctrine of the “Calling”, which Luther had evolved and Calvin elaborated, had become a household morality in America. Children were reared in the notion that God had appointed a business to everyone. To achieve success in that business was a sign of virtue; and, conversely, the surest way to achieve success was to be virtuous. The doctrine articulated well with Americans ideas of democracy – that, since virtue was good for success, and virtue was available to all, then all must succeed”.

A diferença mais significativa desta obra para a autoajuda que vinha sendo publicada até então pode ser notada no fato de o caráter surgir como objeto de uma construção baseada na educação e na força de vontade, e não mais na “prática diligente dos bons hábitos” (RÜDIGER, 1996, p. 82). Se o conceito continua se referindo ao conjunto de virtudes que permite a distinção moral entre os sujeitos, ele também passa a ser associado a qualidades como coragem, generosidade e sinceridade, além de traços pessoais tais como magnetismo, simpatia, alegria e entusiasmo. O caráter, assim, é entendido como o resultado de uma construção cuidadosa que envolve corpo, consciência e mente. “O sentimento romântico de mal-estar na sociedade é sublimado no sentimento psicológico de mal-estar consigo mesmo, que está na base da moderna cultura terapêutica” (RÜDIGER, 1996, p. 85). É nítida, também, uma crença cada vez maior no poder do pensamento – evidência da associação de Marden ao *New Thought* –, visível em passagens como: “acreditar que algo é impossível é o caminho para torná-lo impossível” (MARDEN, 2011, p. 153).

Se no contexto da *self-culture* promovida por autores como Smiles (para quem a ideia de autoajuda se referia, basicamente, ao autodidatismo) acreditava-se que as mazelas sociais poderiam ser resolvidas a partir de mudanças promovidas individualmente, aos poucos, as próprias questões consideradas problemáticas vão migrando da sociedade para o indivíduo. Assim, são sobretudo os conflitos vividos pelos sujeitos em suas vidas pessoais que se transformam em foco de preocupação social e também em objeto central dos livros de aconselhamento.

No livro também é possível se perceber o início do que poderíamos chamar de uso instrumental do caráter, associado à confiabilidade que ele garante a quem o detém: “Caráter é crédito”, afirma Marden (2011, p. 225). Ao desenvolver o argumento, o autor cita o caso de Moses Taylor, que esteve à frente do City Bank durante o “grande pânico monetário de 1857” (idem) e foi o único a conseguir aumentar o valor depositado em seu banco durante a crise, enquanto todos os outros estabelecimentos viam seus cofres se esvaírem. “Caráter fornece confiança” (idem), afirma, mas não só:

Quando a guerra contra a França parecia eminente [sic], em 1798, o presidente Adams escreveu a George Washington, na época já um cidadão aposentado em Mount Vermont: “Precisamos do seu nome, se você nos permitir. Haverá mais eficiência nele do que em muitos exércitos”. Caráter é poder (MARDEN, 2011, p. 227).

Como muitas questões do livro, o tratamento do caráter e sua relação com uma vida bem-sucedida é bem contraditório, o que pode ser explicado pelo momento de transição que se vivia na época. Ao mesmo tempo em que a obra é dedicada à obtenção do sucesso (entendido de maneira bastante direta como a consecução de uma vida abastada), as referências à importância do caráter ainda são muito frequentes. Enquanto surgem usos menos ortodoxos do conceito, como vimos nas passagens acima, verifica-se a permanência de prescrições morais do tipo: “Dinheiro não é necessário; poder não é necessário; liberdade não é necessário; até mesmo a saúde não é necessário; mas o caráter é algo que pode verdadeiramente nos salvar, e se não somos salvos nesse sentido, devemos ser condenados” (MARDEN, 2011, p. 231) ou “O homem que perde o caráter, perde tudo (...). É melhor ser pobre; é melhor ser jogado na prisão ou condenado à escravidão perpétua do que não ter um bom nome ou aguentar as dores e infelicidades de uma inutilidade consciente de caráter” (idem, p. 232).

Uma das premissas do livro serve, ainda hoje, de *leitmotiv* para boa parte dos livros de autoajuda: o sucesso está ao alcance de qualquer um. *Qualquer um*, é importante notar, não *todos*. É a fé na possibilidade de tornar-se esse “qualquer um” que faz com que há décadas milhões de pessoas busquem na autoajuda esperança e conforto. A literatura originada no contexto do “Novo Pensamento” – onde se inclui a obra de Marden –, nesse sentido, reafirma uma das características basilares da sociedade norte-americana: a oportunidade. O sucesso, assim, é uma possibilidade real, mas não é garantido, restando ao indivíduo persegui-lo, seja através da firmeza do caráter, da força do pensamento ou dos meandros de personalidade radiante alinhada à mentalidade neoliberal. Todas as facetas que a autoajuda já possuiu, ou ainda possui, compartilham essa questão: a crença no poder do indivíduo e em sua capacidade de construir seu caminho.

“Não há ninguém”, disse um cardeal romano, “que não receba a visita da Fortuna uma vez na vida; mas, quando ela vê que não está pronto para recebê-la, ela entra pela porta e sai pela janela”. A oportunidade é tímida. Os desatentos, vagarosos, desavisados, e preguiçosos não a veem, ou então tentam agarrá-la quando ela já se foi. Os espertos a detectam imediatamente e a agarram no ar (MARDEN, 2011, p. 20).

A oportunidade, assim, não dependeria de sorte e sim de se aproveitar as chances que se apresentam na vida com trabalho e dedicação. Os exemplos citados pelo livro como prova de que um determinado tipo de comportamento traz bons frutos seguem mais ou menos o mesmo roteiro. Um indivíduo toma uma atitude aparentemente banal, mas que é o suficiente

para diferenciá-lo da massa de indolentes e acomodados, e, a partir disso, coisas surpreendentemente positivas começam a acontecer em sua vida, como pode ser vislumbrado nessa passagem:

“Charley”, disse Moses H. Grinnell (congressista norte-americano, 1803-1877) a um funcionário nova-iorquino, “leve meu casaco para minha casa na Quinta Avenida”. O senhor Charley pega o casaco, resmungando: “Não sou um entregador. Vim aqui para aprender sobre negócios”, e caminha com resistência. O senhor Grinnell observa, e na mesma hora um de seus funcionários da Nova Inglaterra diz, “Eu cuido disso”. “Está certo, faça isso”, diz o senhor Grinnell e pensa consigo mesmo: “Esse menino é inteligente, ele quer trabalhar”, e lhe dá muito serviço. Ele é promovido, ganha a confiança de empresários e de seus empregadores e logo é conhecido como um homem bem-sucedido (MARDEN, 2011, p. 21).

Todo o conteúdo do livro é construído a partir de exemplos de sucesso extraídos de casos teoricamente reais, onde são destacadas atitudes que revelam: disciplina, entusiasmo, pontualidade, completude, coragem, força de vontade, autoconfiança, controle dos vícios, autocontrole, persistência, perseverança e até mesmo alegria. São pequenas histórias, tais como a citada acima, que mostram sujeitos que prosperaram através da própria dedicação e de boas ideias. Se na obra seminal do gênero, *Self-Help*, de Smiles ([1859] 2011), publicada 37 anos antes, é significativa a ausência de homens de negócio dentre as biografias exemplares, aqui sobejam nomes de empresários bem-sucedidos, a grande maioria nascida em um contexto de pobreza.

Na grande maioria dos casos, há uma passagem abrupta do ato em que a pessoa consegue um emprego ou uma ocupação para o momento em que já desfruta de riqueza e sucesso. Algumas histórias são bastante inusitadas, tal como a de George Law, que, na sua época, segundo Marden (2011, p. 215), foi “um dos capitalistas mais notáveis da cidade de Nova York”:

Quando era jovem, ele foi pra lá, pobre e sem amigos. Um dia, estava andando pelas ruas, com fome, sem saber de onde viria sua próxima refeição, quando passou por um edifício que estava sendo construído. Por algum acidente, um dos pedreiros que carregava o cocho caiu da estrutura e morreu bem na sua frente. O jovem Law, desesperado, se ofereceu para substituir o homem morto e conseguiu o trabalho. Ele começou a trabalhar e foi assim que um dos homens de negócios mais ricos e astutos de Nova York iniciou sua carreira” (idem).

O caso é narrado no capítulo sobre perseverança, e é difícil compreender sua utilização como prática de aconselhamento. A relação entre a morte do operário e a vida bem-sucedida de Law nos negócios é, no mínimo, bastante artificiosa. Ao ler pela primeira vez essa

passagem, pensei que a palavra “desesperado” estivesse relacionada ao acidente em si (já que, de acordo com a narrativa, um sujeito morreu “bem na sua frente”), mas a continuação da frase revela que o desespero do jovem estava relacionado à sua própria situação de desemprego. Levando-se em conta o argumento utilizado pelo autor em comentários de eventos correlatos, o mérito do rapaz residiu em perceber uma *oportunidade* a partir da tragédia alheia. Ou a morte de um trabalhador exatamente na hora em que ele passava diante da obra pode ser creditada à *sorte*?

A relação entre oportunidade, trabalho e sorte é bastante contraditória nos argumentos de Marden. Como nos casos supracitados, por mais evidente que seja a importância do acaso, o sucesso dos indivíduos nunca é atribuído à simples sorte, caracterizada sempre de forma negativa pelo autor. Em uma passagem do livro, ele questiona “O que a sorte já fez no mundo? Já construiu cidades? Já inventou telefones e telégrafos? Já construiu barcos a vapor, universidades, asilos, hospitais?”, e continua, “Foi por sorte que César atravessou o Rubicão? Qual foi o papel da sorte na carreira de Napoleão, Wellington, Grant ou Von Moltke? Qual foi o papel da sorte em Termópilas, Trafalgar, Gettysburg?” para concluir que “Atribuímos os nossos sucessos a nós mesmos e nossos fracassos, ao destino” (MARDEN, 2011, p. 163).

“A sorte está sempre esperando algo acontecer”, disse Cobden, “o trabalho, com observação aguçada e vontade determinada, faz algo acontecer. A sorte deita na cama e deseja que o carteiro lhe traga novidades de um legado. O trabalho acorda às seis da manhã e, com uma caneta atarefada ou um martelo ressonante, constrói as fundações da competência. A sorte choraminga; o trabalho assobia. A sorte depende de oportunidades; o trabalho, do caráter” (apud MARDEN, 2011, p. 218).

Por mais que o enriquecimento vultuoso seja visto como algo positivo e digno de admiração, remanesce um alerta sobre os vícios que pairam à espreita de tal empreendimento. Ao lado de conselhos mais diretos a respeito de como prosperar, tais como “Se você quer ficar rico, estude a si mesmo e o que você quer. O negócio mais seguro está sempre relacionado às necessidades fundamentais do homem” (MARDEN, 2011, p. 25) e dicas sobre como fazer uma “cadeira confortável” (idem), aparecem alertas do tipo “é prejudicial ao grande sucesso empreender algo apenas por sua qualidade lucrativa”, “se não for saudável se for degradante, se for restritivo: não se envolva” e “uma vocação egoísta nunca compensa. Se ela deprecia a hombridade, contamina as afeições, limita a vida mental, resfria as caridades e murcha a alma, não se envolva” (idem), ou, ainda, como eco de uma preocupação puritana do dever

comunitário do trabalho: “Se possível, escolha uma ocupação que ajudará ao maior número de pessoas possível” (idem).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se alguns segmentos da autoajuda contemporânea possuem certa obsessão por fórmulas simples de sucesso, que contam com artifícios como “10 dicas”, “8 passos” ou “5 leis”, os escritos de Marden (2011) ainda trazem em seu discurso uma demanda maior por esforço individual. Apesar de propagar a mensagem de que o sucesso está à disposição de qualquer um, não parece fácil a vida de quem deseja prosperar:

O jovem que começa a vida determinado a tirar o máximo proveito de seus olhos e não deixar escapar nada que ele possa usar para seu próprio crescimento, que mantém seus ouvidos abertos para qualquer som que possa ajudá-lo em seu caminho, que mantém suas mãos abertas para segurar toda oportunidade, que está sempre alerta para tudo que possa ajudar sua jornada, que agarra cada experiência e faz dela tinta para a grande obra de sua vida, que tem o coração aberto para poder segurar cada nobre impulso e tudo que lhe trazer inspiração certamente viverá uma vida bem-sucedida. Não há exceções quanto a isso. Se ele tem saúde, nada pode impedi-lo de alcançar o sucesso (MARDEN, 2011, p. 21).

Não é de se estranhar que a evolução desse tipo de mentalidade tenha resultado em um contexto social marcado pela ansiedade. Se o sucesso é algo tão palpável e ao mesmo tempo tão volátil, a vida transforma-se em um perene estado de atenção. A grande oportunidade da vida pode estar em cada detalhe que corre o risco de passar despercebido, cabendo aos indivíduos manterem olhos, ouvidos, mãos e coração abertos a qualquer sinal de que está ali a chave para uma vida bem-sucedida. Se o sucesso parece ubíquo, o fracasso anda sempre à espreita.

Na parte final do livro, Marden, em uma passagem que se assemelha muito aos livros contemporâneos de autoajuda, afirma: “Acredite em si mesmo. Você pode ser bem-sucedido quando os outros não acreditam em você, mas nunca quando você não acredita em si mesmo”. (2011:253). A lembrança de que se trata de um livro escrito em outra época, porém, surge algumas páginas depois, quando o autor conclui que “um homem pode ganhar milhões e ainda assim ser um fracasso” (2011: 281). Se esse tipo de argumento dificilmente seria encontrado com tamanha clareza nos livros publicados nos dias correntes, a simples existência de uma

frase como essa em um livro escrito no final do século XIX mostra que já naquela época era necessário que tal opinião fosse ratificada.

REFERÊNCIAS

CASTELLANO, Mayka. “Só é fracassado quem quer”: a subjetividade loser na literatura de autoajuda. **Galaxia**, n. 29, p. 167-179, jun. 2015.

FREIRE FILHO, João. O poder em si mesmo: jornalismo de autoajuda e a construção da autoestima. **Famecos**. Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 717-745, setembro/dezembro 2011.

FUREDI, Frank. **Therapy culture. Cultivating vulnerability in an uncertain age**. Londres: Routledge, 2004.

GRISWOLD, Alfred. New Thought: a cult of success. **American Journal of Sociology**, v. 40, n. 3, nov., 1934.

MARDEN, Orison Swett. **Como alcançar o sucesso**. São Paulo: Rai, 2011 [1896].

RIESMAN, David. **A multidão solitária**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

RÜDIGER, Francisco. **Literatura de auto-ajuda e individualismo**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1996.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter. Conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

SMILES, Samuel. **Ajude-se**. São Paulo: Rai, 2012 [1859].

SUSMAN, Warren. **Culture as History. The transformation of American society in the twentieth century**. Washington: Smithsonian Institution Press, 2003.

Original recebido em: 30 de junho de 2015

Aceito para publicação em: 10 de maio de 2016

Mayka Castellano

Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do Departamento de Estudos Culturais e Mídia de Universidade Federal Fluminense (UFF). Doutora em Comunicação e Cultura pelo PPGCOM da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ), onde também realizou um pós-doutorado com bolsa Faperj.

